

ENTREVISTA: DIRCE WALTRICK DO AMARANTE

Émilie Audigier

Marlova Aseff

Dirce Waltrick do Amarante (Florianópolis – 1969) é mestre e doutora em Teoria Literária, professora do curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Catarina, ensaísta, dramaturga e tradutora. Foi finalista do prêmio Jabuti, em 2010, com Para ler Finnegans wake, de James Joyce”. Sua tradução de Contos de Ionesco para crianças, de Eugène Ionesco, recebeu a menção “altamente recomendável” da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, em 2009. Ela é ainda a responsável editorial da Revista de Arte e Cultura Qorpus, do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET/UFSC), onde também atua como docente. É membro do Núcleo de Estudos de Literatura, Oralidade e Outras Linguagens (UFSC) e do Núcleo de Pesquisa Poéticas do Estranhamento (UFMG). De personalidade inquieta, seguidamente publica resenhas na imprensa nacional e organiza, com o professor e tradutor Sérgio Medeiros, o Bloomsday de Florianópolis. Em 2019, foi agraciada pela Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic) com o Prêmio Boris Schnaiderman de Tradução, na categoria prosa, pelo livro Finnegans Wake (por um fio), de James Joyce (Iluminuras, 2017). Nesta entrevista, Dirce fala um pouco da sua trajetória, da sua relação com as línguas estrangeiras, com as Artes, com a tradução, com a literatura infantojuvenil e também conta de onde vem o seu fascínio pelo nonsense.

1. Você se formou em Direito, é advogada, mas um tempo depois migrou para as Letras e as Artes Cênicas. Como foi esse processo?

Acho que sempre fui das Letras, das Artes de um modo geral, mas vim de uma família de pessoas que estudaram Direito e, em um momento da minha vida, achei que essa era a única faculdade que existia. Fiz faculdade de Direito, mas nunca me afastei da arte, da ficção, elas sempre fizeram parte da minha vida. Fiz um curso de roteiro para cinema no Rio de Janeiro, no final dos anos 1990, na Casa da Gávea. Estudei canto, embora seja péssima cantora, estudei piano, embora não saiba tocar quase nada, mas sempre fui curiosa, sempre quis entender o que está por trás daquilo que a gente usufrui. Aos poucos, no entanto, a arte foi tomando outra dimensão na minha vida e a carreira de professora de artes cênicas passou a ser minha profissão.

2. Como é a sua relação com as línguas estrangeiras? No seu currículo, vê-se que você estudou vários idiomas, e muitos deles a partir da vida adulta. Quais são suas motivações e estratégias de aprendizagem?

Posso dizer que ainda estou estudando essas línguas (alemão, francês e inglês). Leio, vejo/ouço programas em línguas estrangeiras para fixar os idiomas e para aprender novas expressões, já que os idiomas estão sempre mudando, talvez essa seja a minha estratégia de aprendizagem.

Claro que acabo estudando mais inglês e francês, que são as línguas das quais traduzo. Agora, uma coisa é ler, outra é falar, falo com sotaque todas as línguas, inclusive o português (tenho sotaque manezinho, típico de Florianópolis).

3. Você tem uma relação forte com a literatura infantojuvenil. Conte um pouco sobre isso. Você acha que é um gênero discriminado?

Acho que a literatura infantojuvenil ainda é vista, infelizmente, com certo preconceito. Muitos a veem como uma literatura menor, talvez porque seja menor no tamanho, mas não em inventividade, criatividade etc.

Grandes escritores só conseguiram escrever para crianças no final de suas vidas, pois consideravam que escrever um texto para os pequenos leitores era mais difícil do que escrever um texto para os adultos.

Escrever para crianças, segundo muitos escritores, requer uma habilidade especial com a linguagem, uma concisão e clareza, sem perder, é claro, a poeticidade e os jogos da linguagem.

James Joyce, Sylvia Plath, Eugène Ionesco, E.E. Cummings são exemplos de escritores que só depois de amadurecerem a linguagem se aventuraram nos textos para crianças. Depois de escrever *FW*, seu último e mais ousado livro, Joyce revelou que, agora sim, iria se dedicar à literatura para crianças...

É claro que há péssimos livros para crianças, mas há também péssimos livros para adultos.

O difícil da boa literatura infantil é que ela acaba tendo que agradar adultos e crianças.

4. Como a tradução entrou na sua história?

Entrou quando eu li a tradução do primeiro capítulo de *Finnegans Wake*, traduzido por Donaldo Schüler. Li a tradução cotejando com o original e acompanhada por Sérgio Medeiros, na época ainda não éramos casados, achei a tradução tão doida quanto o texto original, e vi tantas possibilidades naquelas frases joycianas que quis “brincar” de traduzir algumas. Quando vi, estava estudado Joyce em Cambridge e traduzindo o oitavo capítulo do livro. De lá para cá, fiquei viciada, e adoro traduzir, principalmente textos que não fazem sentido, como Gertrude Stein (que traduzi com Luci Collin), Eugène Ionesco, Edward Lear. Agora estou traduzindo a surrealista Leonora Carrington. Esses textos

(surrealistas, nonsense...) te passam rasteiras, pois não têm uma lógica, então a frase, às vezes, não faz sentido, mas a gente fica tentando achar o sentido, até ser vencida pelo não sentido. É uma luta saborosamente inglória.

5. Para você, quais são as melhores qualidades do tradutor de literatura e os piores defeitos?

Vou falar um lugar comum: o bom tradutor tem que conhecer a língua para a qual traduz. Mas deveria também conhecer o/a autor/a a fim de entender bem a especificidade da sua língua, para, só então, com conhecimento de causa, tentar reinventá-la em português. Repertório é imprescindível.

6. Como coordenadora da Pós-Graduação em Estudos da Tradução, acredita que haja uma formação necessária para se tornar tradutor?

Agora estou na subcoordenação. Acredito que a formação ajuda muito a pensar no trabalho de tradução, dando embasamento a escolhas e estimulando a traçar caminhos criativos. A teoria da tradução acompanha a prática e a torna mais densa e possivelmente muito mais sofisticada. Até mesmo quem afirma traduzir sem nenhuma teoria tem, a meu ver, uma teoria “não confessada” por trás, e ela poderia ser questionada, aprimorada etc. Na pós-graduação em tradução, trazemos essas teorias “secretas” à tona e as discutimos.

7. Quem influenciou sua obra de pesquisadora, tradutora, e lhe dá inspiração para nortear seus trabalhos?

Sérgio Medeiros é um grande incentivador e lê tudo o que eu faço. Dá palpite, às vezes aceito, às vezes não... Mas sempre discutimos nosso trabalho em conjunto e essas discussões são muito frutíferas, discordando ou concordando.

8. Poderia comentar a sua metodologia como tradutora, os procedimentos adotados na tradução dos autores que você traduz, e os teóricos que você defende também na sua própria prática?

Como não traduzo por encomenda, mas escolho eu mesma o que traduzir, é muito gratificante (ou excitante, conforme as circunstâncias) iniciar o trabalho – mas talvez seja muito mais complicado depois publicar, pois nem sempre se tem uma editora interessada. Aí, sim, começa a angústia. Escolho autores/as que conheço em certa medida e com os quais me sinto mais à vontade. Leio muito sobre eles antes de traduzir, leio muito seus textos. Daí parto para a tradução, porque estou mais confiante, mais estimulada... Até que me deparo com algo intraduzível... e daí fica melhor ainda!

Como gosto de recorrer a metáforas, vou usar uma agora: vejo o tradutor como um caminhante numa zona que ele não conhece e que precisará mapear. Gosto também de imaginar o tradutor como um manipulador de uma farmácia, como fala Cyril Aslanov.

9. Como enxerga a questão tradução como um trabalho autoral?

A tradução é um trabalho autoral, pois o tradutor acaba traduzindo a sua leitura pessoal do texto de partida. Mesmo que não queira, ele deixa sua marca digital na escolha de palavras, de termos, no uso do ritmo... Mas, ao mesmo tempo, ele tem que sumir do texto, daí é um trabalho circense, de mágico.

10. Você parece escolher para traduzir textos extremamente desafiadores do ponto de vista da linguagem e que exigem recriação literária de alto nível na tradução, como Edward Lear e James Joyce. O que a motiva nessas escolhas?

Como disse acima, quanto mais nonsense, quanto mais jogos de linguagem, melhor. É como montar um quebra-cabeça, os maiores são sempre mais divertidos e absorventes, pelo menos para mim.

11. Fale um pouco do seu projeto de tradução de *Finnegans Wake*. Por *Um Fio* (Iluminuras, 2018), que ganhou o prêmio Boris Schnaiderman de Tradução de 2019, promovido pela Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC):

Esse trabalho começou lá atrás, em 2000, quando li três capítulos do *FW* com uma professora inglesa, Joana Parker. Traduzi um capítulo, o oitavo, que faz parte do meu livro *Para ler Finnegans Wake de James Joyce* (2009). Depois segui lendo o livro, que tem muitos fios narrativos, e um dia decidi puxar apenas um fio e esticá-lo até onde fosse possível, amarrando-o porém a alguns outros. Conversei com Fritz Senn (Curador da Fundação James Joyce de Zurique) a esse respeito, ele disse que tinha uma lógica e me estimulou. Daí fui lendo o livro e puxando um fio do começo ao final do romance. Conteí, assim, uma das muitas histórias do livro. Claro que esse fio não é algo claro como água, nem poderia, em se tratando de *FW*. É um fio emaranhado, obscuro, difícil de seguir e de esticar...

Fiquei muito feliz com a premiação, afinal, ser reconhecida pelos pares é uma honra sem tamanho. E ser premiada por uma tradução experimental que leva o conceito de tradução ao seu limite é de fato uma alegria e um estímulo. Além do mais, sou mulher, e as mulheres são as que menos ganham prêmios em todas as modalidades, e menos ainda na área da tradução. A propósito do *Wake*, cabe destacar que poucas mulheres o traduziram.

12. Você também escreveu o livro *Para ler Finnegans Wake*, de James Joyce. Trata-se de um ensaio ou de um guia de leitura?

É sobretudo um guia de leitura, não substitui o convívio do leitor com o livro de Joyce nem traz a palavra final sobre o conteúdo dele. É uma espécie de incentivo aos leitores. No final do livro, ofereço a tradução completa do capítulo VIII desse romance assinada por mim.

13. Você acha que o portunhol selvagem de Douglas Diegues e outras experiências de escritores latino-americanos que trabalham o portunhol como uma espécie de “interlíngua” guardam relações com as experiências joycianas?

Com certeza. Temos traduções de vários textos para o portunhol selvagem. Douglas Diegues traduziu poemas e haikus para essa língua ou forma de expressão híbrida. Acho essas traduções fantásticas. Vale lembrar que o portunhol selvagem resgata também a língua guarani. É uma forma de resistência à língua do colonizador, no nosso caso o português, no caso do Joyce, o inglês.

14. Você é muito produtiva, sempre está publicando resenhas literárias nos jornais e em revistas, parece acompanhar todas as novidades da indústria editorial na área de literatura. Como consegue se manter atualizada?

Sou curiosa e gosto do que faço. Se eu tivesse tempo, eu leria tudo, veria tudo, traduziria muito mais. Sou empolgada, leio um livro, gosto, resenho. Às vezes nem publico as minhas reflexões, eu as guardo para mim. É engraçado, depois de um tempo eu releio o que escrevi sobre livros e penso coisas completamente diferentes a respeito deles. Isso prova, parece-me, que o livro era bom mesmo e permanece vivo.

15. Você já buscou uma explicação para a sua atração em trabalhar com o nonsense e também com o absurdo (como em Samuel Beckett)?

Olha, não faço a menor ideia, mas acho que tive uma avó muito erudita e nonsense (sem itálico, como costume grafar a palavra), que falava sem pensar, fazia coisas à moda de Carroll. Com ela, eu lia *Juca e Chico*, de Wilhelm Busch, e ela recitava os poemas em alemão. Wilhelm Busch foi o começo de tudo... O nonsense sem itálico é uma rebeldia, uma teimosia minha. Nada mais nonsense do que o Brasil, não é?